

O CHÃO SOB OS PÉS DE ZELENSKY ESTÁ SE DESLOCANDO

Por M. K. Bhadrakumar*



O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, durante uma entrevista coletiva em Kiev, em 20 de abril de 2022 (Sergei Supinsky/AFP).

Regime instável, expurgos no sistema de segurança do país, incertezas sobre estar sendo bem-informado sobre a guerra, críticas ao Papa por este observar que Darya Dugina era inocente: Zelensky apresenta comportamento errático e o declínio do apoio internacional à Ucrânia está se tornando aparente.

Lendo e relendo a declaração do presidente dos EUA, Joe Biden, na semana passada, no Dia da Independência da Ucrânia, lembramos a frase imortal do poeta inglês John Keats: “Melodias ouvidas são doces, mas as não ouvidas são mais doces”. Biden invocou repetidamente a natureza permanente do relacionamento dos EUA com o povo ucraniano. Mas em toda a declaração, ele nunca mencionou o governo ucraniano ou a liderança do presidente Volodymyr Zelensky. Uma omissão descuidada?

Em segundo lugar, Biden minimizou a ponto de ignorar a intensa parceria EUA-Ucrânia em nível de estado para estado. O regime em Kiev é impensável sem o apoio robusto dos EUA. Terceiro, mais importante, Biden ficou em silêncio sobre a guerra como tal, que está em um estágio decisivo no momento.

Recentemente, em 18 de agosto, vinte proeminentes profissionais de segurança nacional americanos instaram o governo Biden a “produzir uma narrativa estratégica satisfatória que permita aos governos manter o apoio público ao engajamento da OTAN a longo prazo ... (e) mover-se mais rápida e estrategicamente, em atender aos pedidos ucranianos de sistemas de armas”.

Mas Biden evitou tudo isso. Mesmo quando falou sobre a última parcela de armas para a Ucrânia no valor de US\$ 2,98 bilhões, Biden expressou a esperança de que os sistemas de armas possam garantir que a Ucrânia “possa continuar se defendendo **a longo prazo**” (Ênfase adicionada).

Analistas americanos estimam que o pacote de armas de US\$ 2,98 bilhões é radicalmente diferente em seu mecanismo de distribuição. Assim, enquanto a ajuda militar até agora era extraída de estoques pré-existentes de armamento e equipamento dos EUA, desta vez o pacote de ajuda será comprado ou encomendado a empreiteiros de defesa.

John Kirby, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, admitiu a repórteres que parte da ajuda no último pacote poderia ser dispensada mais lentamente do que outras partes do pacote, dependendo dos estoques atuais dos empreiteiros de defesa. Ele disse vagamente: “Vai depender, francamente, do item sobre o qual estamos falando. Algumas coisas provavelmente ainda precisarão de algum tempo de produção para serem desenvolvidas.”

Com efeito, o complexo militar-industrial pode ter mais a comemorar no anúncio de Biden do que Zelensky. O governo Biden está evitando esgotar os estoques atuais dos EUA, como os aliados europeus também estão fazendo.

De acordo com Mark Cancian, assessor sênior do Programa de Segurança Internacional do CSIS, o último pacote de US\$ 2,98 bilhões de Biden “sustentará os militares ucranianos a longo prazo, mas levará meses ou até anos para ser implementado totalmente ... assim, este (pacote) sustentará os militares ucranianos a longo prazo, provavelmente no pós-guerra, em vez de aumentar suas capacidades no curto ou médio prazo...”

“Isso significa que a capacidade dos EUA de fornecer equipamentos com rapidez pode estar diminuindo... o governo pode precisar pedir mais dinheiro ao Congresso em breve. Embora o consenso bipartidário para apoiar a Ucrânia permaneça forte, pode haver uma briga entre a esquerda progressista e a direita isolacionista sobre a sabedoria de enviar dinheiro para o exterior quando houver necessidades urgentes em casa.”

Esses são quase os mesmos dilemas que os aliados europeus dos EUA estão enfrentando. O prestigiado *think tank* alemão Kiel Institute for the World Economy informou na semana passada: “O fluxo de novos apoios internacionais para a Ucrânia secou em julho. Nenhum grande país da UE, como Alemanha, França ou Itália, fez novas promessas significativas”.

Ele disse que a comissão da UE está pressionando por pacotes de ajuda maiores e mais regulares para a Ucrânia, mas está faltando entusiasmo no nível dos países membros – “Os principais países da UE, como França, Espanha ou Itália, até agora forneceram muito pouco apoio ou permanecem muito opacos sobre sua ajuda.”

A diminuição do apoio doméstico é o principal fator. Mesmo na Polônia, há “fadiga dos refugiados”. A inflação é a grande preocupação da opinião pública. A revista alemã *Spiegel* informou que o chanceler Olaf Scholz está enfrentando divergências

dentro de suas próprias fileiras partidárias daqueles que querem que Berlim pare de fornecer armas a Kiev e, em vez disso, querem que o chanceler se envolva em um diálogo com a Rússia.

Na quinta-feira, o chanceler Scholz fez uma observação significativa em um evento público em Magdeburg que Berlim não fornecerá a Kiev armas que possam ser usadas para atacar a Rússia. Scholz explicou que o objetivo de Berlim ao enviar armas é “apoiar a Ucrânia” e “impedir uma escalada da guerra em algo que seria muito diferente”. Ele disse que estava ecoando o pensamento de Biden.

De fato, se por um lado os Estados Unidos continuam a exercer pressão militar sobre a Rússia, esperando quebrar a resistência de seu adversário estratégico de longo prazo, por outro, nos últimos dois meses, Washington tem repetidamente sinalizado que não está buscando a vitória, mas uma solução final para o problema da Ucrânia por meio de negociações pacíficas.

Como na Alemanha, há uma enorme pressão contra a guerra também nos EUA, especialmente entre o Partido Democrata e a elite acadêmica, bem como funcionários aposentados de alto escalão e executivos de negócios, pedindo ao governo que pare de aquecer a situação em torno da Ucrânia. Se os democratas perderem as eleições de meio de mandato, ou se os republicanos chegarem ao poder em 2024, a guerra poderá tomar um rumo fundamentalmente diferente. Com o tempo, é muito provável que mudanças semelhantes ocorram também na Europa.

O declínio constante na intensidade do impacto das sanções europeias e americanas contra a Rússia já fala por si. A *The Economist*, que é uma virulenta crítica do Kremlin, admitiu esta semana que o esperado nocaute das restrições anti-Rússia “não se materializou”. A revista escreveu: “As vendas de energia gerarão um superávit em conta corrente de US\$ 265 bilhões este ano (para a Rússia), o segundo maior do mundo depois da China. Após uma crise, o sistema financeiro da Rússia se estabilizou e o país está encontrando novos fornecedores para algumas importações, incluindo a China”.

Em uma nota sombria, a *The Economist* escreveu: “O momento unipolar da década de 1990, quando a supremacia dos Estados Unidos era incontestável, já se foi há muito tempo, e o apetite do Ocidente por usar força militar diminuiu desde as guerras no Iraque e no Afeganistão”.

Mais uma vez, internacionalmente, o apoio à Ucrânia fora do bloco ocidental caiu drasticamente nos últimos meses. A proposta de Kiev de condenar a Rússia na quarta-feira atraiu o apoio de apenas 58 dos 193 estados membros da ONU, enquanto, na sessão da Assembleia Geral de 2 de março, 141 países membros votaram por uma resolução não vinculativa para condenar Moscou.

Da mesma forma, o revestimento de teflon de Zelensky está descascando. Seu vício em drogas está à vista do público. O regime está instável, como mostra a onda de expurgos no sistema de segurança ucraniano. De acordo com o presidente turco Recep Erdogan, que se encontrou com Zelensky em Lvov recentemente, este

último parecia inseguro e incerto sobre se ele está sendo totalmente informado sobre a situação do terreno.

O comportamento errático de Zelensky também não é cativante. O Papa Francisco é a última figura a ser castigada por Kiev – porque o pontífice observou que Darya Dugina era “inocente”. O embaixador do Vaticano foi convocado ao Ministério das Relações Exteriores para receber o protesto de Kiev.

O jornal alemão *Handelsblatt* escreveu hoje que a “coesão interna” do governo ucraniano “está em perigo. Há sérias acusações contra o presidente... em casa, o presidente ucraniano, que é celebrado no exterior como um herói de guerra, está sob pressão... o comediante se tornou um senhor da guerra... o homem de 44 anos até agora conseguiu mudar e agir livremente com sua equipe, que é parcialmente composta por colegas de sua produtora de televisão. Mas o período de carência agora parece ter expirado”. A previsão diária é de agitação política com a aproximação do inverno.

Biden distanciou-se cuidadosamente do regime de Kiev e concentrou-se nas relações interpessoais. Mesmo que os americanos conheçam os corredores bizantinos do poder em Kiev, eles não podem se dar ao luxo de ser explícitos como o ex-presidente russo Dmitry Medvedev, que previu na semana passada que os militares ucranianos podem dar um golpe e entrar em negociações de paz com a Rússia.

Publicado em [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
